

# Soljenitsyn e Zinoviev

Roque Spencer Maciel de Barros

O Caderno 2 de O Estado de S. Paulo traduziu, recentemente, um artigo de James Meeck, do *The Guardian*, dando conta da queda de prestígio do autor de *O Arquipélago Gulag* e de *O Primeiro Círculo* entre as novas gerações soviéticas. Conta mesmo o caso de uma adolescente que dava risadas ao ler *O Arquipélago Gulag*, como se se tratasse de uma obra de ficção, certamente espaldada no humor negro.

Deixando de parte outras razões que, segundo o articulista, servem para explicar o relativo ostracismo do escritor — muitas derivadas de seu peculiar modo de ser, o que vem influenciando também na queda de seu prestígio no Ocidente —, o artigo, por associação de idéias, nos fez pensar no esquecimento a que também parece relegado outro grande escritor soviético, mais cerebral do que o emocional Soljenitsyn, que foi um dos mais argutos analistas do sistema totalitário — por ele designado o “comunitarismo soviético” —, que por mais de 70 anos teve vigência na hoje desmantelada URSS. Queremos referir-nos a Alexander Zinoviev, o especialista renomado em lógica que, mudando os rumos de sua vida intelectual, fez do sistema soviético, com suas peculiaridades, o centro de suas reflexões, construindo uma vasta obra de ensaios e de singulares “romances”, em que dissecou, literária, sociológica e filosoficamente, o “modo de vida soviético”, título, aliás, de um de seus ensaios inserido no volume *Nós e o Ocidente*.

Nos “Estudos Complementares” que constituem a segunda parte de nosso livro *O Fenômeno Totalitário* (Itatiaia-Edusp, 1990) dedicamos um longo ensaio a esse autor, intitulando-o “Zinoviev e o ‘homo sovieticus’” (págs. 661/701), ensaio ao qual remetemos o eventual leitor que se lembre do autor russo ou que se sinta interessado em tomar um primeiro contacto, ainda que indireto, com suas análises. Não se trata, assim, aqui neste breve artigo, de recordar os aspectos gerais do pensamento de Zinoviev, mas apenas de nos referir a especificamente a um de seus aspectos, num

pre entre contrários que, acreditamos nós, nascem da ambigüidade fundamental entre a totalidade (que provoca a “tentação totalitária” e inspira os coletivismos) e a liberdade, que, no plano dos fundamentos da vida humana, um plano quase diríamos metafísico, nos define como a espécie que rompe a pura cadeia da natureza.

Perdoe-nos o leitor a divagação em torno de um pensamento que é nosso e não de Zinoviev. Deste, tão rico em suas análises do comportamento do “homo sovieticus” — “mutante sociológico”, como o designava —, seja em seus “roman-

---

## REENCONTRAR-SE COM O PENSAMENTO DE ZINOVIEV É UM BOM REMÉDIO PARA ESPANTAR OS FANTASMAS DO PASSADO

---

momento em que muitos ainda teimam — para enfrentar os inevitáveis problemas de um novo tempo, para os quais só encontram rótulos (o principal sendo esse inefável “neoliberalismo”) —, a apegar-se a fórmulas decididamente arcaicas. Reencontrar-se com o pensamento de Zinoviev é um bom remédio para espantar os fantasmas do passado que insistem em assaltar os novos tempos que, certamente, sob as mesmas ou outras roupagens, voltarão a assediá-los porque, de qualquer forma, integram o modo humano de ser, com a sua ambigüidade constitutiva, oscilando sem-

ces”, como *As Alturas Abissais*, *O Futuro Radioso*, *A Casa Amarela*, *A Antecâmara do Paraíso*, entre outros, seja nos seus ensaios, reunidos em *Sem Ilusões*, *Nós e o Ocidente*, *O Comunismo como Realidade* (sua síntese teórica), *O Poder de Uma Ilusão* (este sobre gorbachevismo), queremos ressaltar, já que não há espaço para muito mais, uma idéia-chave, para reflexão dos que, “viúvos do soviétismo” (muitos travestidos de social-democratas), esperam da política o pleno domínio das relações econômicas, a fim de corrigir as reais distorções que o momento de transição e de ajuste

da situação internacional (e, no mundo globalizado, conseqüentemente, também da situação nacional) vem provocando. Que idéia é essa? Geralmente, quando se tem em vista um sistema totalitário (que ainda seduz tanta gente, culta ou inculta), à moda do soviético, se pensa numa total politização da vida. Ora, o que Zinoviev nos mostra com clareza, desde *As Alturas Abissais*, é que o regime totalitário — ou “comunitarista”, na sua linguagem (não confundir com o “comunitarismo americano” de um Michael Sandel ou um Alasdair McIntyre) —, sob a aparente politização liderada pelo partido, marca precisamente *o fim da política*, entendida como oposição, diálogo, confronto de opiniões e de interesses. Num universo como esse, em que o poder se concentra, unificando a economia e o que era a política, só metaforicamente se poderia falar, com pleno sentido, de *política*, essa construção da *polis democrática* que o Ocidente herdou dos gregos e continuou a existir mesmo sob o absolutismo monárquico. O sistema totalitário, com o qual tantos, ainda que sem confessá-lo abertamente, continuam a sonhar, *não resolve politicamente os problemas econômicos: elimina-os por definição, junto com quaisquer críticas ou protestos*. Há muito mais em Zinoviev e convém não esquecê-lo.

---

Roque Spencer Maciel de Barros  
é autor de “O Fenômeno Totalitário”  
e “O Gorbachevismo”

---